

A CULTURA DO PENSAR NA SALA DE AULA: reflexões da prática.

Prof^a Carla Moura Morais Almeida

O direito de aprender é como o direito à vida. Talvez até o preceda. Embora se reconheça formalmente que todo ser humano tem direitos pela simples razão humana, na práxis histórica o direito somente se efetiva se for aprendido. (Demo, 2005).

Para que as aprendizagens ocorram significativamente, os sujeitos envolvidos nos processos devem ter claramente registrados os seus objetivos, para que essas possam ser efetivadas.

Na educação do futuro, e talvez esse futuro seja a educação da atualidade, o saber pensar é um dos pilares mais importantes para a construção de sujeitos ativos na sociedade, verdadeiros atores de suas vidas, como afirma Touraine (1999). O professor deve ensinar a criança a pensar, para que ela possa ter acesso às possibilidades a sua frente. Para isso, precisa estar pronto a aprender sempre, reinventando sua prática e tendo uma postura flexível frente às mudanças.

Ensinar a pensar e preparar os alunos para um futuro de resolução eficaz de problemas, de tomada conscienciosa de decisões e de aprendizado contínuo por toda vida são as propostas dos autores do livro *A Cultura do Pensamento na Sala de Aula*. Enfocar uma cultura do pensar na sala de aula significa criar um ambiente que sustente e valorize o cultivo dessa habilidade para que faça parte do comportamento do dia-a-dia. (TISHMAN, et al 1999). É necessário que haja um ambiente onde linguagem, valores, expectativas e hábitos funcionem em conjunto no sentido de expressar e reforçar o empreendimento do bom pensar. Está lançado o desafio, transformar a cultura da sala de aula, numa cultura do pensar.

Debruçada nessas idéias, dúvidas cercavam meus pensamentos: Como fazer com que crianças de nove anos apreendam informações que para mim parecem complexas? Será que conseguirei a partir do planejamento trazer essas questões? E se as crianças não responderem de forma significativa?

Toda nova aprendizagem trás desequilíbrio, como explicou Piaget. Então prossegui nas leituras, buscando entender as propostas e criar maneiras de vivenciá-las na sala de aula de forma real e prática. As respostas aos questionamentos chegaram, à medida que comecei a internalizar minhas novas experiências.

O início foi realmente marcado pela tentativa de aproximação com uma nova forma de ensinar, aprendemos juntos nesse instante. Com a explicação da proposta para

as crianças e a apresentação das formas delas interagirem com a proposta introduzi a modelagem do vocabulário, para que a nova cultura fosse tomando vida a cada dia na sala de aula. Segundo Tishman et al (1999) a utilização de uma rica linguagem do pensar no discurso de sala e aula, colabora para a criação de uma nova cultura no ambiente. Nesse instante, percebi que deveria evitar palavras que não estavam nesse vocabulário para crescer junto com o grupo, afinal o professor é, mesmo que não queira, exemplo para seus alunos.

Na prática, criamos o cartaz com fichas, como sugerem os autores, para ajudar nessa incorporação, lugar onde cada palavra descoberta seria afixada. Nas primeiras semanas o vocabulário funcionou de forma intensa, no entanto, o processo esfriou, sendo lembrado pelas crianças num menor ritmo. Penso que na verdade, posso ter deixado de chamar atenção sobre a importância da linguagem nos momentos das socializações, discussões e apresentações por conta da rotina diária, com receio que ela não fosse concluída, em virtude de novas discussões, que certamente surgiriam.

Comecei a refletir sobre esse processo e dividi essa preocupação, tentando encontrar uma forma de organizar melhor essa situação. É possível que tenha começado pelo caminho errado, coisas do percurso, que podem ser resolvidas, a vida real de um professor “aprendente”.

Um ambiente favorável e cooperativo, onde as dúvidas são acolhidas, divididas, discutidas, organizadas, transformadas, tem uma grande função nesse processo. Assim foi o trabalho com a coordenação, fundamentado numa grande parceria.

Planejar trazendo as estratégias propostas por Tishman et al (1999), foi à idéia trazida pela coordenação para que essa sistematização pudesse ocorrer de forma efetiva. É verdade, tínhamos que pensar a ensinar as crianças a pensarem desde as intervenções do planejamento, até as atividades propostas. Um dos principais papéis da escola é o de oferecer situações de aprendizagem onde possa fazer avanços, ou seja, conhecer e fazer uso do conhecimento aprendido. (HADDAD, 1995). E o instrumento mais valioso para isso, sem dúvidas é o planejamento, aliado aos projetos e sequências de conteúdos.

A cada semana uma área do conhecimento era escolhida para trabalhar uma das estratégias. Foi uma ação pequena, mas que aos poucos favoreceu a construção de um trabalho muito rico, e propiciou às crianças um exercício de autonomia e organização do pensar. E ao professor um exercício de organização das aulas, para que as intervenções de todo o planejamento fossem estrategicamente pensadas.

Cultivar disposições para o bom pensar na sala de aula, com um cuidado constante, para que possam se desenvolver completamente são desafios que podem ser incorporados na prática cotidiana, promovendo a atenção, formação de hábitos, fomentando valores, alterando posturas e convicções, proporcionando um exercício diário do pensamento cuidadoso.

As ferramentas que estavam dispostas para o nosso planejar não poderiam ficar atreladas somente às atividades e assim, os murais da sala puderam ser mais bem organizados a partir do investimento em mais uma estratégia: o quatro do pensar, que possibilita que a criança se organize, estabeleça as metas para o desafio que precisa vencer, que atente sobre seu processo de pensamento e que no final reflita sobre o que fez. Essa estratégia serviu para que todos os murais da sala fossem organizados pelas crianças de forma sistematizada e enriquecedora. Para elas, pensar as questões que envolvem uma produção desse tipo, foi uma novidade bem recebida, além de ser um grande exercício de autonomia.

O espírito estratégico funcionou muito bem em todos os momentos utilizados, mesmo com alguns conflitos, resultou em um trabalho esplêndido. Segundo Tishman et al (1999), ter espírito estratégico é ter a capacidade de reconhecer um desafio do pensar, elaborar um plano e executá-lo, No entanto essa organização vai além da impulsividade e de atitudes esforçadas, o professor deve mostrar que existem outras maneiras possíveis de pensar e que nem sempre a primeira hipótese resulta na melhor forma dessa organização.

Utilizando o espírito estratégico, realizamos muitas atividades, dentre as quais destaco a organização de um jogo matemático, que as crianças elaboraram ao concluírem o estudo de uma seqüência didática. O problema era organizar um jogo, então propus que as crianças pensassem num jogo e em grupo todos foram colocando suas opiniões para a realização da atividade. Depois de definirem o jogo solicitei que elaborassem um planejamento, demonstrando os objetivos daquele jogo e o que seria necessário para realizá-lo. O momento de execução foi muito interessante e as crianças puderam perceber que o planejamento bem estruturado colabora para que o problema seja resolvido de forma mais tranqüila. Depois de todo o trabalho concluído as crianças fizeram uma avaliação individual e em grupo sobre o trabalho. O trabalho foi bastante enriquecedor.

As mudanças foram acontecendo diariamente, quanto mais aprendia, mais podia demonstrar essas aprendizagens, lançando novos desafios para o grupo. O cartaz

precisava ter uma forma mais dinâmica, então aproveitei as discussões vivenciadas nos encontros de formação continuada da Escola Experimental e comecei as mudanças. O novo modelo de cartaz para a modelagem do vocabulário favoreceu uma construção mais rápida, e coerente com a nossa rotina.

Essa nova construção funcionou bastante, facilitou a visualização das palavras e a proximidade das crianças. Hoje, nos momentos de discussão, elas trazem novas palavras e utilizam o cartaz como referência para suas falas, já que ele é retroalimentado a cada nova descoberta. Tishman et al (1999) afirmam que as práticas de correção e apresentação das tarefas de casa são aspectos cotidianos do ensino que apresentam uma estruturação conveniente para se cultivar a linguagem do pensar.

Organizamos na sala um espaço no mural para registrar as estratégias que fomos construindo a cada atividade ou também para colocar nossos pensamentos, promovendo situações estimulantes de contato com essa cultura. E assim continuamos com os desafios e acima de tudo com o compromisso de ser a cada dia o melhor que se pode para colaborar na construção de novos pensamentos sobre a realidade vivenciada.

O trabalho não é fácil, mas é possível de ser realizado, pouco a pouco, fazendo com que o planejamento seja um grande aliado e promovendo situações que favoreçam esse tipo de cotidiano, com atividades diversificadas que estimulem a criança a pensar utilizando as estratégias.

Muitas atitudes já foram tomadas para melhorar esse trabalho na sala, no entanto tenho convicção que as ferramentas precisam ser avaliadas e reorganizadas a cada instante, pois não podemos deixar que as mudanças deixem de acontecer, ou que fiquem estanques nas nossas mentes e paredes.

Continuar refletindo a prática é um exercício importante para o amadurecimento das atitudes em sala de aula, afinal toda mudança requer: tempo, entrega, dor, alegria, angústia, medo e, uma incrível sensação de euforia ao olhar e perceber que deu certo e que valeu a pena tentar e passar por todas as etapas necessárias para isso.

REFERÊNCIAS TEÓRICAS

DEMO, Pedro. *A educação do futuro e o futuro da educação*. Autores Associados: São Paulo, 2005.

SILVA, L. H.; AZEVEDO, C. J. *Paixão de aprender 2*. Clice Capelossi Haddad. Vozes: Petrópolis, 1995, pág 49.

TISHMAN, S.; PERKINS, D; JAY, Eileen. *A cultura do pensamento na sala de aula*. Artmed: Porto Alegre, 1999.

TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? iguais e diferentes*. Vozes: Petrópolis, 1999.